

ANÁLISE ESPACIAL E DE GÊNERO DE DUAS COOPERATIVAS DE RECICLAGEM NA CIDADE DE SÃO PAULO

*Ilana Mallak
Tatiana Sakurai*

RESUMO

A partir do estudo de caso de duas cooperativas na cidade de São Paulo, a pesquisa de Iniciação Científica buscou identificar e compreender as questões de gênero em cooperativas de reciclagem. Os dois estudos de caso foram analisados levando em conta aspectos da implantação do galpão no tecido urbano e também da organização espacial interna e sua relação com o funcionamento da cooperativa. Por meio de observação assistemática e revisão bibliográfica, entendeu-se que a predominância de mulheres na função de triagem dos resíduos reforça a divisão sexual do trabalho em cooperativas. Partindo dessa constatação, o estudo buscou identificar os riscos associados especificamente à triagem dos materiais recicláveis e analisar os meios de triagem presentes em cada um dos estudos de caso: esteira e gaiola.

Palavras-chaves: Cooperativa de reciclagem, Divisão sexual do trabalho, Relações de gênero, Triagem, Galpão de reciclagem.

6.1 INTRODUÇÃO

O tema dos resíduos sólidos é ainda pouco abordado dentro da perspectiva da Arquitetura, Urbanismo e Design. Historicamente, com o crescimento da industrialização e aumento ascendente do consumo de insumos industrializados, a problemática dos resíduos sólidos torna-se um tema relevante para o planejamento das cidades e também para o campo do design de produtos visando a menor geração de resíduos.

Nesse contexto, os catadores de materiais recicláveis, organizados em cooperativas ou não, são atores importantes no ciclo de vida dos produtos. O reconhecimento oficial dessa categoria se deu em 2010 com a aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei nº 12.305. Entretanto, os catadores ainda representam uma parcela marginalizada da sociedade, alvo de uma série de injustiças sociais.

A catação é uma atividade essencialmente sustentável, uma vez que une os três pilares de forma equilibrada: o econômico, o social e o ambiental. Assim, a PNRS incentiva a organização dos catadores em cooperativas, uma forma de organização que historicamente está muito associada à triagem de materiais recicláveis. Porém, os catadores ainda enfrentam grande dificuldade no reconhecimento e consolidação de seu trabalho como importantes agentes ambientais.

Atualmente, as mulheres são maioria entre os catadores de materiais recicláveis e grande parte delas encontra-se organizada em cooperativas, situação oposta à que acontece entre os catadores autônomos, em que a maioria é do sexo masculino. De acordo com estudo realizado levando em conta apenas catadores organizados coletivamente, aponta a composição de 68% de mulheres em atividade (MEC – FNDE/CATADORES, 2009).

Mesmo dentro das cooperativas, os aspectos de gênero e divisão sexual do trabalho se mostram presentes e fazem parte da lógica de organização espacial. Identificar essas relações é relevante para poder inclusive, dialogar projetualmente. Nesta pesquisa, parte-se da identificação prévia de que a triagem em organizações de catadores no Brasil é realizada quase exclusivamente por mulheres, para em seguida, analisar as cooperativas dentro do campo do urbanismo, da arquitetura e de design.

6.2 REVISÃO DA LITERATURA

Há ainda hoje uma desigualdade enorme entre homens e mulheres em relação ao trabalho. O conceito de divisão sexual do trabalho aborda a ideia de que

existem dois tipos de trabalho: o produtivo, associado à figura masculina, e o reprodutivo, associado à figura feminina. Dessa forma, na sociedade, os trabalhos associados ao homem, à produção e à força física são mais valorizados (inclusive monetariamente) que os trabalhos associados a características atribuídas às mulheres, como: cuidado, capricho e delicadeza (CHERFEM, 2016).

Dentre os trabalhos menos valorizados pela sociedade, a divisão sexual é muito clara. O setor que mais emprega os homens é o da construção civil, já as mulheres aparecem como cuidadoras de crianças e idosos e empregadas domésticas ou diaristas. Os homens têm maior facilidade para conseguir um emprego com maior salário e regulamentação trabalhista, mesmo com baixa qualificação, o que é muito mais difícil para mulheres nas mesmas condições (CHEFREM, 2014).

A economia solidária aparece como uma nova possibilidade de emprego para a população de baixa renda e as cooperativas de triagem são um bom exemplo desse setor econômico. Ioli Wirth identifica que as mulheres aparecem em maior porcentagem nos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) em que há menor número de associados (WIRTH, 2010, p. 87).

As mulheres representam mais de 70% dos integrantes do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), sobretudo mulheres negras, o que indica que elas possuem identificação com a profissão e que está ocorrendo uma *feminização* do setor da reciclagem.

Mesmo dentro das cooperativas, onde a maior parte dos trabalhadores são mulheres – às vezes quase exclusivamente mulheres – a divisão sexual do trabalho aparece nas relações de trabalho. As tarefas mais valorizadas e mais associadas ao trabalho produtivo (prensagem dos materiais, por exemplo) são, em geral, realizadas por homens. Os postos menos valorizados, que exigem menos força física e mais associados ao trabalho reprodutivo, ao cuidado, à minúcia, são deixados para as mulheres (WIRTH, 2010).

Essas questões aparecem na fala das cooperadas, quando elas mesmas consideram o trabalho na prensa ou com maquinário mais adequado para ser realizado por homens, e o trabalho com a reciclagem em geral mais adequado para as mulheres (CHERFEM, 2016). Essa segregação estrutural não é questionada pela maior parte dos cooperados, sejam homens ou mulheres, inclusive aqueles que ocupam a administração.

Em seu estudo, Wirth (2010, p. 153) relata o caso de um homem que passou a trabalhar na triagem devido a uma desorganização interna e à falta de materiais para prensar (função que ele ocupava anteriormente). Esse fato foi relatado por

ele e por outros cooperados como uma situação provisória e sendo sempre o trabalho de triagem associado à condição feminina, um trabalho considerado “mais leve”.

A feminização do setor da reciclagem pode estar relacionada a alguns fatores principais, entre eles a flexibilidade do trabalho que permite às mulheres conciliarem o trabalho produtivo e o reprodutivo. As mulheres ainda hoje são responsabilizadas pelo serviço doméstico não remunerado e, assim, precisam conciliar as várias jornadas de trabalho. Dessa forma, o trabalho na cooperativa apresenta muitas vantagens em relação a outros, como de empregadas domésticas, por exemplo (VALLIN, 2016).

No estudo de caso de Isabella Vallin (2016), a proximidade com o local de residência e a creche dos filhos é o maior atrativo para o trabalho na cooperativa. Como a maioria das cooperadas são mães, a possibilidade de ir para casa no horário de almoço e buscar as crianças na creche é um grande facilitador na conciliação das duplas jornadas de trabalho. Além disso, o fator deslocamento também conta muito, em outros empregos o tempo de deslocamento para ir e voltar na cidade de São Paulo, poderia somar mais de duas horas diárias.

Os homens, por outro lado, possuem maior facilidade para conseguir empregos com salários melhores, carteira assinada e regulamentação trabalhista, o que justifica uma tendência a maior rotatividade masculina e menor identificação com o trabalho nas cooperativas (CHEFREM, 2014). Por esse motivo, os salários dos homens nas cooperativas são frequentemente maiores do que o das mulheres desempenhando as mesmas funções, uma vez que eles se recusam a trabalhar por salários menores (VALLIN, 2016).

O machismo aparece ainda na recusa dos homens de trabalharem em cooperativas lideradas por mulheres (CHEFREM, 2016), que representam a maioria entre as associações de catadores (MEC – FNDE/CATADORES, 2009, p. 16). Isso se reflete também na maior quantidade de catadores autônomos do sexo masculino.

6.3 METODOLOGIA

A pesquisa de Iniciação Científica, de caráter qualitativo e exploratório, adotou como metodologia principal o estudo de caso de duas cooperativas de reciclagem na cidade de São Paulo. Como as cooperativas apresentavam condições muito distintas, muitas vezes a comparação direta entre os estudos não foi possível e as análises foram conduzidas como dois exemplos de realidades distintas. A cooperativa Alfa possuía estrutura consolidada, convênio com a prefeitura,

maquinário eficiente, contratos com o setor privado e três unidades de atuação; já a cooperativa Beta era composta quase exclusivamente por mulheres, com recursos escassos, sem convênio com a prefeitura e localizado na entrada de uma favela na periferia da capital paulista.

Para atingir os objetivos da pesquisa foram realizados os seguintes procedimentos: levantamento bibliográfico sobre gênero e trabalho em cooperativas de reciclagem; sobre arquitetura e organização de galpões de reciclagem; visitas de campo registradas por meio de fotografias, croquis e anotações; oficinas de pesquisa-ação com as cooperadas sobre risco e segurança do trabalho; pesquisa em plataformas cartográficas da cidade de São Paulo (Portal GeoSampa); entrevistas semiestruturadas com as presidentes das duas cooperativas sobre os meios de triagem; e entrevista semiestruturada com uma técnica em segurança do trabalho com experiência em consultoria para cooperativas de reciclagem.

Foram utilizados dados obtidos a partir da participação em oficinas - propostas e facilitadas pelo grupo de pesquisa - com os catadores. Na cooperativa Alfa, foram realizadas oficinas de confrontação de fotos que apresentavam situações de risco e segurança percebidos por eles. Em relação à cooperativa Beta, foi realizada uma oficina a partir da construção coletiva de desenhos e mapas de ideias abordando aspectos ambientais da favela e da cooperativa e questões de gênero.

6.4 RESULTADOS

A partir da compreensão, confirmada pelos estudos de caso e pela revisão bibliográfica, de que a função da triagem na cadeia da reciclagem está associada à mulher, foram analisados os riscos da triagem de resíduos sólidos e os meios de triagem presentes nos dois estudos de caso: gaiola de triagem e esteira de triagem. Dessa forma, a análise de gênero das duas cooperativas se deu a partir de quatro entradas: a inserção urbana, a configuração interna do galpão, os meios de triagem e os riscos associados à triagem.

6.4.1 Inserção urbana

O estudo da inserção urbana foi realizado com base em imagens de satélite, dados do portal Geosampa e da observação assistemática no local.

A cooperativa Alfa está localizada na Marginal Tietê, no distrito da Barra Funda. O galpão foi construído pela prefeitura em 2013, sobre um antigo aterro sanitário. A cooperativa já passou por dois outros endereços antes desse. No

entanto, o local atual é de difícil acesso de pedestres e, conseqüentemente de transporte público. Apesar disso, a grande maioria dos cooperados se locomove até o trabalho por meio de transporte público (principalmente ônibus) e 53% deles leva em média mais do que uma hora no trajeto de casa até a cooperativa (341 - ACSSA, 2017). A estação de metrô mais próxima é a Estação Terminal Barra Funda, na linha 3 – Vermelha, integrada ao terminal rodoviário.

A região do entorno da cooperativa não foi projetada para a escala do pedestre e sim para a escala do automóvel em alta velocidade. Essa situação de parcelamento do solo, característica das vias expressas de São Paulo, gera grandes lotes ao longo da via, com pouca ou nenhuma qualidade de passeio público de pedestre e quadras muito grandes, sem a possibilidade de adentrar o bairro ou cruzar a via com facilidade.

Já a cooperativa Beta está localizada na Zona Leste da cidade de São Paulo. O local do galpão é um ponto central para o funcionamento da cooperativa, pois todos os cooperados moram na comunidade vizinha. Principalmente para as mulheres, isso tem importância vital, já que dada a proximidade e o horário de trabalho flexível, as catadoras conseguem aliar suas tarefas domésticas (trabalho reprodutivo) e o trabalho na cooperativa (trabalho produtivo).

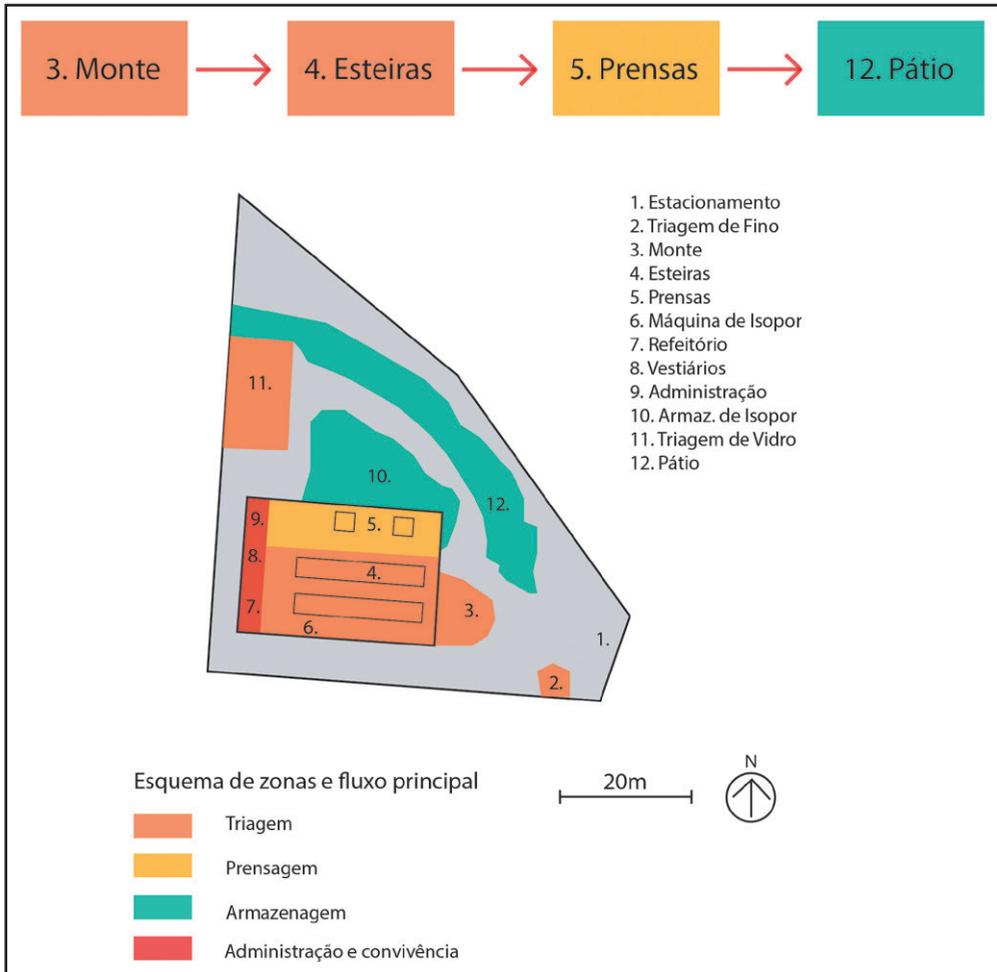
O galpão da cooperativa Beta possui dimensões bastante diferentes da cooperativa Alfa, que condizem com o loteamento nas respectivas localidades. A cooperativa Beta está localizada em um bairro predominantemente horizontal e residencial na periferia do município e suas dimensões são compatíveis com os lotes no entorno.

6.4.2 Configuração interna do galpão

Os galpões de triagem dos dois estudos de caso foram analisados levando em conta sua funcionalidade e racionalização espacial de acordo com princípios levantados por Fernando Fuão no “Manual Construir e Reformar um Galpão de Reciclagem” (FUÃO, 2015).

Foram elaborados esquemas gráficos que sintetizam as informações sobre o zoneamento dos galpões e o fluxo principal do material no espaço da cooperativa.

Figura 6.1 - Esquema de zonas e fluxo principal no galpão da cooperativa Alfa

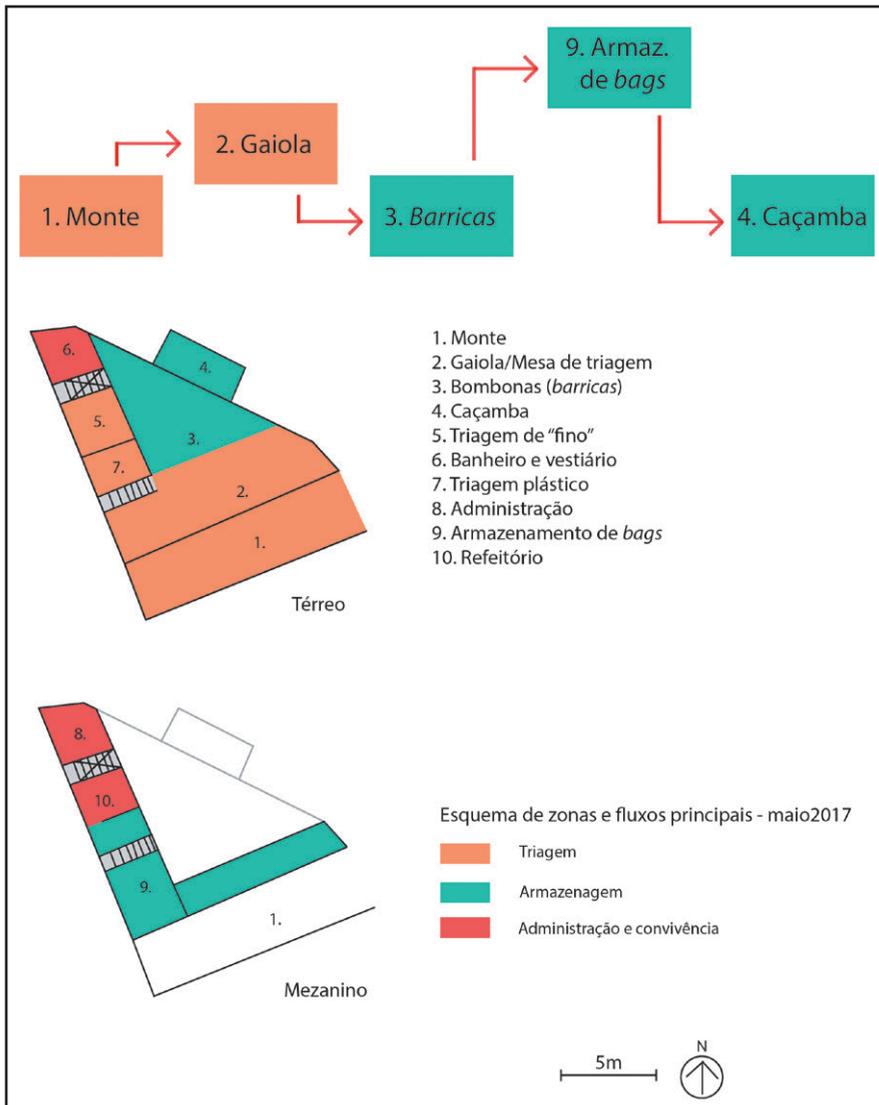


Fonte: Mallak, 2017, a partir de categorias de Fuão (2015).

Pode-se observar que a cooperativa Alfa possui um grande espaço externo, isso facilita o armazenamento de materiais e libera espaço interno do galpão, à medida que algumas funções de triagem são realizadas fora do galpão, como as do vidro e dos materiais “finos” (eletroeletrônicos). Outro ponto relevante é a presença do maquinário: esteiras e prensas que organizam a distribuição e o fluxo de materiais no interior do galpão. Já o galpão da cooperativa Beta, não possui maquinários, sendo a organização configurada pela gaiola de triagem. O fluxo de materiais não é racionalizado, principalmente em função do espaço limitado do galpão e da necessidade de proteção do material contra furtos e roubos. O material precisa ser elevado até o nível da gaiola e, depois de triado,

os *bags* são elevados até o mezanino para armazenamento. Quando vão ser colocados no caminhão (HR) para a comercialização, os *bags* são empurrados para o nível mais baixo novamente. Além disso, entre 2016 e 2017, o galpão passou por algumas reformas, realizadas através de autoconstrução, sem interrupção das atividades da cooperativa. As principais mudanças foram o local de entrada, o local da escada de acesso ao mezanino e alteração dos espaços de convivência (inclusão do refeitório e vestiário associado ao banheiro).

Figura 6.2 - Esquema de zonas e fluxos principais do material após a última visita do grupo de pesquisa à Cooperativa Beta (maio de 2017)



Fonte: Mallak, 2017, a partir de categorias de Fuão (2015).

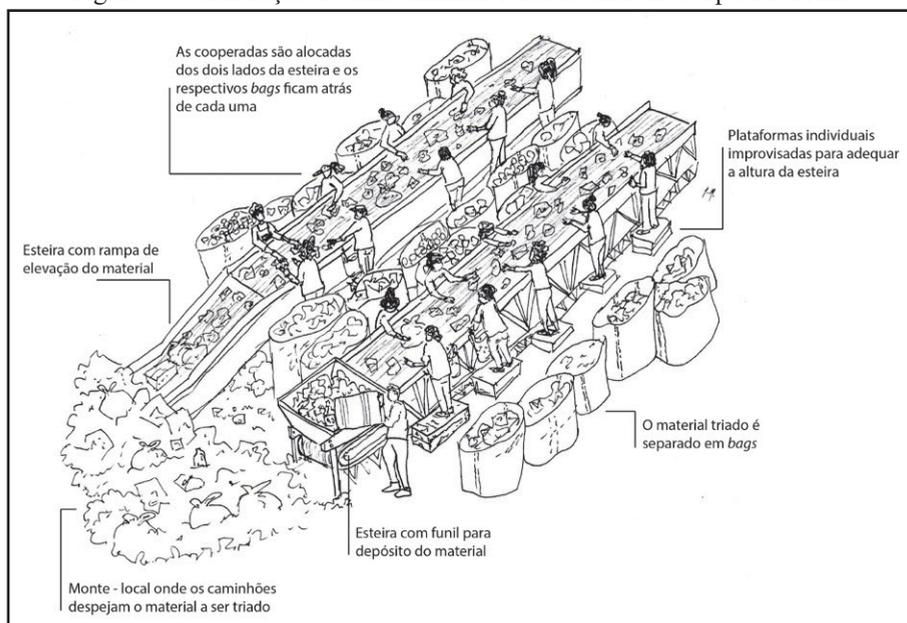
6.4.3 Meios de triagem

Na cooperativa Alfa, a triagem se dá por meio de duas esteiras com capacidade para dez catadoras em cada. O local das cooperadas é definido de acordo com o material a ser triado e varia durante a semana, já que o ganho nessa cooperativa é definido por produtividade. As esteiras foram adquiridas em períodos diferentes, ambas doadas pela prefeitura. Uma delas funciona com um funil que deve ser alimentado com resíduos para que a esteira possa transportá-los.

Outro ponto observado durante a pesquisa é que as esteiras não foram desenvolvidas especificamente para o trabalho em cooperativas. A média de altura das cooperadas é baixa, assim, as esteiras deveriam possuir regulagem de altura ou serem fabricadas mais baixas, levando em conta a estatura média das cooperadas. Todas as cooperadas que fazem a triagem na esteira possuem algum tipo de plataforma improvisada para adequar sua altura à esteira.

Uma das cooperadas relatou, durante a oficina realizada, que grande parte dos cortes que acontecem são devidos à velocidade das esteiras e que as cooperadas usam as mãos para arrastar os materiais que estariam passando sem dar tempo de triar. Porém, existe - na fala das cooperadas - a consciência de que o uso de luvas adequadas é imprescindível e, mesmo com o uso de EPI, não é indicado manipular os materiais dessa forma.

Figura 6.3 - Ilustração do funcionamento das esteiras na cooperativa Alfa



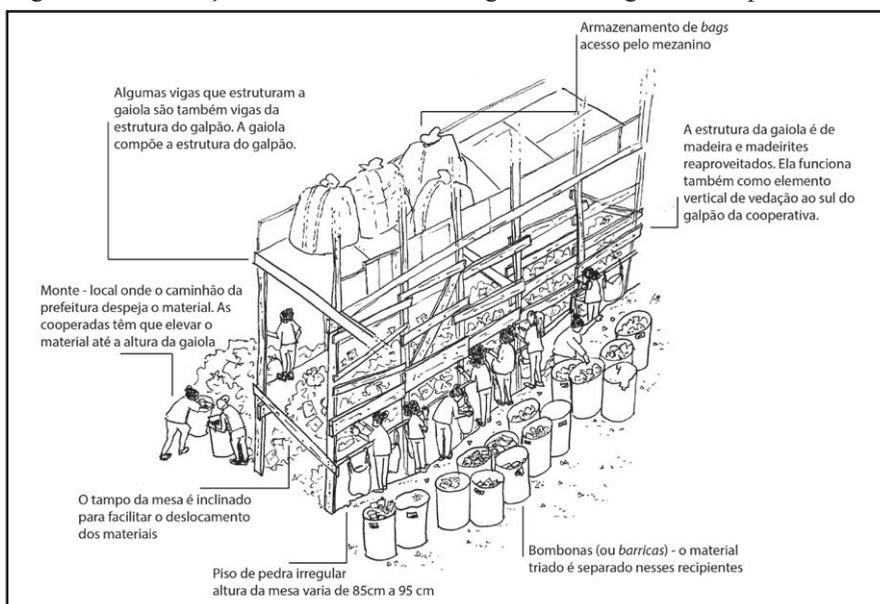
Fonte: Mallak, 2017.

Na cooperativa Beta, o elemento principal da triagem é a gaiola, autoconstruída em madeira reaproveitada. A gaiola também funciona como vedação da parede sul da cooperativa e parte das vigas estruturam a cobertura do galpão. Sobre a gaiola existe uma cobertura, com acesso pelo mezanino, onde são armazenados *bags* para garantir maior segurança contra roubos do material e liberar espaço no galpão.

Devido às irregularidades no piso existente, a mesa de triagem, onde trabalham cerca de oito cooperadas, possui altura variável entre 85 e 95 cm. A pequena variação de altura é vantajosa para alocar cooperadas mais altas ou mais baixas, dependendo das necessidades ergonômicas de cada uma. As posições são fixas na mesa conforme a altura das cooperadas e a velocidade na triagem (cooperadas inexperientes são colocadas ao lado de cooperadas consideradas ágeis, para aprender o ofício).

O principal problema relativo à gaiola de triagem da cooperativa B está relacionado ao “monte”. As cooperadas não gostam de exercer as funções nesse local, além de apresentar diversos riscos, tais como queda, contato com material perfurocortante e riscos biológicos. O local não tem cobertura, deixando-as expostas às intempéries. Somado a todos esses problemas, a forma como o “monte” e a gaiola estão posicionados também não contribui para a racionalização do trabalho, já que as cooperadas precisam elevar todo o material até o nível da gaiola.

Figura 6.4 - Ilustração do funcionamento da gaiola de triagem na cooperativa Beta



Fonte: Mallak, 2017.

6.4.4 Riscos associados à triagem

Além de ser a etapa menos valorizada da cadeia da reciclagem, a triagem apresenta uma série de riscos que não estão diretamente associados às outras funções desempenhadas nas cooperativas.

Os principais riscos relacionados ao trabalho em cooperativas de reciclagem são: risco de contato com substâncias químicas; riscos ocasionados por sobrecarga de trabalho, levantamento de excesso de peso e posturas irregulares por tempo prolongado; exposição ao sol, chuva e umidade; risco de atropelamento e acidentes com o carrinho de coleta; exposição e contato com animais e micro-organismos patogênicos; acidentes com perfurocortantes; falta de instalações adequadas no local de trabalho; e vulnerabilidade social (OLIVEIRA, 2011, p.142).

Dentre todos os riscos apresentado por Denise Oliveira, os que estão mais associados à triagem e, conseqüentemente atingem as mulheres com maior intensidade, são os riscos relacionados ao próprio material: cortes com vidro e perfurações com seringas, que apresentam inclusive riscos de contaminação com materiais biológicos. Esses são os riscos mais graves, mas além disso, existe a questão dos movimentos repetitivos (LER) e da necessidade de trabalhar o dia todo de pé. Os riscos relativos a cortes e perfurações também foram os que mais apareceram nas falas das cooperadas durante as oficinas.

A contaminação por animais que são vetores de doenças também é um risco grave nas cooperativas e se manifesta de forma mais intensa para quem manuseia o resíduo ainda não triado. Na cooperativa Beta, devido à precariedade do galpão isso é agravado, como apontado na dissertação de Vallin:

Devido às frestas entre as peças de madeira, pombos fizeram ninhos nas estruturas e, durante todo o dia, eles ficam sobre a cabeça das mulheres, próximos ao teto. O animal é vetor de diversas doenças como salmonelose, criptococose, histoplasmose, ornitose e meningite. Além disso, é recorrente as mulheres encontrarem animais mortos, como ratos, no meio dos materiais, os quais podem levar a infecções graves, como a leptospirose (VALLIN, 2016, p. 89).

A percepção de risco das cooperadas, como observado nas oficinas e questionários, enfatiza principalmente os acidentes com materiais perfurocortantes. Catorze das dezesseis cooperadas da cooperativa Beta apontam cortes e perfurações como riscos de seus trabalhos, sendo que doenças correspondem ao segundo risco mais citado. A questão da precariedade do galpão da cooperativa Beta também foi identificada na fala de algumas das cooperadas.

6.5 DISCUSSÃO

As questões levantadas são muito complexas e, em função das restrições do método, ainda não foi possível traçar conclusões e comparativos precisos entre os elementos analisados. Uma questão importante seria aprofundar o estudo sobre a relação do meio urbano e da inserção na cidade com as questões de gênero em cooperativas de reciclagem.

Outra abordagem interessante seria tratar os meios de triagem a partir do conceito de tecnologia social e ergonomia da atividade, procurando identificar soluções e métodos que possam ser aprimorados e que tenham baixo custo, baixo consumo energético e fácil aplicabilidade. Embora os técnicos em segurança do trabalho, como a que foi entrevistada para a pesquisa, não acreditem ser a melhor opção, a gaiola de triagem da cooperativa Beta mostrou-se eficiente para gerar um ganho mensal capaz de sustentar todas as cooperadas, muitas vezes com ganho mensal similar ao da cooperativa Alfa que, além de tudo, é conveniada da prefeitura.

Assim, o estudo mostrou-se satisfatório na análise de gênero dos elementos separadamente (inserção urbana, organização interna e meios de triagem), em cada estudo de caso. Entretanto, ainda faltam dados para uma análise que correlacione todos esses elementos e possam gerar conclusões e soluções aplicáveis.

6.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa indicou que as mulheres estão mais sujeitas do que os homens aos riscos provenientes do próprio material reciclável (acidentes com materiais cortantes e perfurantes e contaminação com material químico e biológico). Os principais riscos da triagem de materiais poderiam ser mitigados com a separação e disposição final corretas dos resíduos sólidos domésticos. Sendo assim, aponta-se para o potencial de políticas públicas que incentivem o descarte consciente.

Além disso, quem descarta a maior parte dos resíduos domésticos atualmente também são mulheres, que podem se sensibilizar com a saúde de outras mulheres – que prestam serviço ambiental fundamental a partir da triagem de resíduos e da reinserção deles na cadeia produtiva. Dessa forma, outros estudos mais aprofundados sobre essa questão e principalmente aliados à comunicação e sensibilização da população são fundamentais.

No que diz respeito aos EPIs e meio de triagem (esteiras, mesas e gaiolas), o campo do projeto está aberto para novas propostas que levem em conta a

condição dos catadores, principalmente das mulheres que ocupam a grande maioria dos postos de triagem.

6.7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. (2010). *Política Nacional de Resíduos Sólidos*. Lei nº 12.305 de 02 de agosto de 2010. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm. Acesso em: 28/10/2016.

CHERFEM, C.O. *Consustancialidade de gênero, classe e raça no trabalho coletivo/associativo*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Universidade Estadual de Campinas, 2014.

CHERFEM, C.O. Relações de gênero e raça em uma cooperativa de resíduos sólidos: desafios de um setor. In: PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto; GOES, Fernanda Lira (org.). *Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional*. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 47-74.

FUÃO, F.F. *Manual Construir e Reformar um Galpão de Reciclagem*. Porto Alegre: Edição do Autor, 2015.

GONÇALVES-DIAS, S.L.F. *Catadores: uma perspectiva de sua inserção no campo da indústria de reciclagem*. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental. Área de Concentração: Ciência Ambiental) Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. 298 f.

IPEA. *Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável*. Brasil, 2013.

KERGOAT, D. *Se battre, disent-elles...* Paris: La Dispute, 2012.

MEC – FNDE/CATADORES. Estudo do perfil sócio-educacional da população de catadores de materiais recicláveis organizado em cooperativas, associações e grupos de trabalho. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, 2009.

MONTEROSSO, E.P. Política nacional de resíduos sólidos: o olhar crítico de um gestor público. In: AMARO, Aurélio Bandeira; VERDUM, Roberto. *Política nacional de resíduos sólidos e suas interfaces com os espaços geográficos: entre conquistas e desafios*. Porto Alegre, Letra 1, 2016. p. 22.

OLIVEIRA, D.A.M. *Percepção de riscos ocupacionais em catadores de materiais recicláveis: Estudo em uma Cooperativa em Salvador-Bahia*. Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Santos Moraes. Dissertação (Mestre) Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Medicina da Bahia. Curso de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho. Salvador, 2011.

TEODÓSIO, A. dos S. de S; GONÇALVES-DIAS, S.L.F; SANTOS, M.C.L. Reciclagem no Interstício das Relações Intersetoriais: a Política Nacional de Resíduos Sólidos e os desafios para a inclusão social e produtiva dos catadores. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo (org.). *Design Resíduo & Dignidade*. São Paulo: Editora Olhares, 2014. p. 231.

VALLIN, I. de C. *Gênero e Meio ambiente: A dupla Jornada de Injustiça Ambiental em uma Cooperativa de Mulheres de Catadoras de Materiais Recicláveis*. 2016, 149. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental – Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

WIRTH, I.G. *As relações de gênero em cooperativas populares do segmento da reciclagem: um caminho para a construção da autogestão?* Dissertação (mestrado). Orientadora: Márcia de Paula Leite. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

WIRTH, I. *Mulheres na triagem, homens na prensa: questões de gênero em cooperativas de catadores*. São Paulo: AnnaBlume, 2013.

YIN, R.K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2.ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.

341 - ASSOCIAÇÃO CAMINHO SUAVE SOCIO AMBIENTAL (341 - ACSSA). *Censo 2017: Cooperativa Viva Bem*. São Paulo, 2017. Documento fornecido pela administração da cooperativa.

Sites consultados:

Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Disponível em: <http://www.mnccr.org.br>. Acesso em: 12/07/2017.

Prefeitura do Município de São Paulo, Portal Geosampa, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso em: 10/07/2017.

